

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-02-27

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Miranda, B. P. (2022). A ermida do Cristo do Silêncio. In Rolando Volzone, João Luís Fontes, Diana Martins (Ed.), *Architectures of the soul: Multidisciplinary approaches to the experiences and landscapes of seclusion and solitude*. (pp. 301-309). Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa.

Further information on publisher's website:

<https://doi.org/10.34632/9789895328741>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Miranda, B. P. (2022). A ermida do Cristo do Silêncio. In Rolando Volzone, João Luís Fontes, Diana Martins (Ed.), *Architectures of the soul: Multidisciplinary approaches to the experiences and landscapes of seclusion and solitude*. (pp. 301-309). Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa., which has been published in final form at <https://dx.doi.org/https://doi.org/10.34632/9789895328741>. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

## A ermida do Cristo do Silêncio

«(...) a arquitetura das igrejas não é mitologia cósmica, mas sim uma representação da vida cristã, uma nova corporização do espiritual» (Schwarz, 1958).

(figura 1)

1.

Um dos textos paradigmáticos do encontro no século XX entre a liturgia e a arquitetura foi escrito pelo arquiteto alemão Rudolf Schwarz (1897-1961). Schwarz aproveitaria o período entre guerras para se dedicar a um processo denso de reflexão sobre a construção de igrejas, publicado no ano de 1939, sob o título *Vom Bau der Kirche*. No prefácio da sua tradução para a língua inglesa<sup>1</sup> realizada em 1958, sob o título *The Church Incarnate*, Mies van der Rohe (1886-1969) coloca em evidência um dos pressupostos do texto: o de que a “questão” da construção de igrejas se articula com o “problema” da arquitetura, iluminando-o. «(...) It throws light for the first time on the question of church building, and illuminates the whole problem of architecture itself» (Schwarz, 1958). O texto é ainda sinal de um processo de transformação do pensamento de Mies, devedor, em maior ou menor grau, do pensamento de Schwarz: «(...) Yet it is not only a great book on architecture, indeed, it is one of the truly great books - one of those which have the power to transform our thinking» (Schwarz, 1958). A reflexão de Schwarz em *The Church Incarnate* transpõe o universo do projeto e da construção do edifício-igreja, para se inscrever na convergência das disciplinas da arquitetura, da teologia e da liturgia. Organizado em torno de sete capítulos, aos quais o autor faz corresponder sete “planos” distintos, entendidos por ele não como diagramas ou esquemas pré-estabelecidos de uma determinada estrutura de Igreja, mas enquanto metáforas de reunião da comunidade cristã: «*It builds itself up out of a number of “plans” which join together into a whole, and this, too, is again a “plan”*» (Schwarz, 1958). Schwarz, não deixa espaço para dúvidas quanto ao sentido que associa a estes planos: «These “plans” are not model designs since they leave off at exactly the point where the decisions would have to fall out of which they could become “concrete”» (Schwarz, 1958). A arte de construir implica, para Schwarz, a criação de “formas vivas”. Schwarz recusa a circunscrição disciplinar da arquitectura à realidade física do objecto, para considerar que a arte de construir envolve a unidade complexa entre a construção e as pessoas, o corpo e o espírito, os seres humanos e Cristo. Nas suas palavras: «(...) todo um universo espiritual que deve sempre ser continuamente trazido à realidade. Para

---

<sup>1</sup> Schwarz aproveitaria o período entre guerras (1919-1938) para se dedicar a um processo denso de reflexão sobre a construção de igrejas, editado em livro no ano de 1939, sob o título *Vom Bau der Kirche*. Em 1958, com prefácio de Mies van der Rohe (1886-1969), o livro seria traduzido para a língua inglesa por Cynthia Harris sob o título *The Church Incarnate*.

nós, significa a ação primordial da construção. O processo através do qual a Igreja se transforma numa “forma viva” » (Schwarz, 1958)<sup>2</sup>.

2.

A revalorização, na primeira década deste século, dos autores e obras que, no espaço europeu, se associaram ao movimento de renovação litúrgica do princípio do século XX e ao espírito da reforma do Concílio Vaticano II (1962-1965), atesta uma tendência de uma linha de investigação que procura restituir tangibilidade aos propósitos de mudança firmados pelo Concílio (Richter, 2005; Gerhards, 2002; Zahner, 2007; Debouyst, 1991). Investigações centradas no estudo das origens e evolução histórica do lugar do culto cristão têm vindo a evidenciar a necessidade de ancorar o debate atual no estudo e reconhecimento da pluralidade e diversidade da tradição litúrgica cristã. À necessidade suscitada pela revisão conciliar de reprogramar e (re)definir o conceito de Igreja, associa-se hoje, no contexto deste debate, uma nova reflexão sobre a dimensão escatológica do espaço de celebração e sobre o seu carácter simbólico (Bouyer, 1991; Foley, 1991; Jounel, 1995; Ratzinger, 2001; Zanchi, 2005; Plazaola, 2006). A nossa perspectiva distancia-se, porém, da tese de que um regresso à originalidade do lugar litúrgico implique a adoção de um modelo determinado de espaço ou de Igreja.

A recuperação do sentido da função litúrgica e a sua reorientação para a comunidade ativa e participativa, ocorre paralelamente a um movimento arquitetónico que interroga, na relação do homem com os lugares e através dos lugares com os espaços, o fenómeno do habitar, entendido por Aldo van Eyck (1918-1999) como um contínuo processo de *homecoming*: «*That is why I speak of place in terms of homecoming and of articulated in-between place as that place which can best help to resolve the conflicts which exteriorize man from time (thereby closing the door on himself)*» (Strauven, 2008). As últimas décadas do século XX testemunharam, sobretudo na Europa central, profundas transformações na estruturação arquitetónica do espaço litúrgico de tradição católica. O lugar do batismo, a definição de um lugar para a reconciliação, mas sobretudo a forma envolvente e unificada da assembleia em torno das mesas do altar e do ambão. A ação e o movimento da comunidade que celebra, associados a um novo gosto pela celebração da Eucaristia, traduziram-se numa maior exigência para com o desenho e a qualidade da presença de objetos rituais no espaço.

Para Klemens Richter (1940), liturgista de Munique, a revolução maior do século XX na arquitetura religiosa cristã é devida à devolução à assembleia viva do espaço de culto e

---

<sup>2</sup> Tradução do autor.

à possibilidade de esta última traduzir a sua unidade fundamental através de uma presença ativa da comunidade em torno do altar.

Aos dois tipos de estruturação do espaço litúrgico associados, pelo arquiteto alemão Rudolf Schwarz, às imagens de uma igreja “via ou caminho” e de um “anel aberto” consolidou-se nas últimas décadas do século XX um terceiro tipo de espaços, associado pelo teólogo alemão Albert Gerhards (1951) à ideia de um centro: espaços que se aproximam da ideia de que a assembleia celebrante é através da sua configuração a imagem de um “templo espiritual” (Gerhards, 2002).

No primeiro tipo, de raiz vincadamente basilical, associado à imagem de uma “igreja caminho”, permanece uma distinção evidente entre o espaço do santuário e a nave onde se dispõe axialmente a assembleia. Num espaço organizado em profundidade é dificultada a relação interpessoal. Estes tipos de espaços tendem a acentuar uma dimensão visual da devoção individual em detrimento da reunião em torno da fração e partilha da Palavra, do pão e do vinho.

O segundo tipo, associado à imagem de um “anel aberto”, foi experienciado nas celebrações realizadas no Castelo de Rothenfels, a sede da associação da juventude católica alemã, durante a década entre 1920 e 1930. O castelo medieval de Rothenfels, próximo de Würzburg, localiza-se no topo de uma pequena vila, com o mesmo nome, construída na margem do rio Main. Adquirido pelo movimento de juventude Quickborn em 1919, passaria a acolher nos seus múltiplos espaços centenas e por vezes milhares de jovens que aí subiam e se reuniam nas Páscoas e no verão, à semelhança do que mais tarde acontecerá em Taizê.

Em torno da personalidade e do pensamento de Romano Guardini (1885-1968)<sup>3</sup>, reuniram-se aí as personalidades que nos campos da arquitetura da liturgia e da arte sacra anteciparam, porventura com maior radicalidade, os desígnios e as reformas do Concílio Vaticano II. Muitas das experiências que se sucederiam encontraram raiz nos espaços renovados por Schwarz e Guardini em Rothenfels, a sede desde 1919 do movimento alemão da juventude católica alemã Quickborn. Esta solução em forma de “anel aberto”, ainda hoje profundamente consensual, articula sem grandes constrangimentos as várias ações que integram as liturgias da missa: o anúncio da Palavra; a oração comunitária, a individual e a reunião em torno da mesa da refeição (Gerl-Falkovitz, 2012). O terceiro tipo de espaços, sublinha a ideia de que a visão da liturgia proposta pelo Concílio Vaticano II é a de uma ação consumada no centro da assembleia, o lugar onde Cristo manifesta a sua presença. Esta proposta encontrou raiz,

---

<sup>3</sup> A partir de 1920 e durante os vinte anos seguintes, é lá que se situa, para Guardini, em paralelo com o ensino universitário em Berlim, o lugar privilegiado da sua ação e da sua reflexão. Entre 1926 e 1939, Guardini tornou-se o guia e o responsável da associação (que, em 1925, contava com cerca de sete mil membros).

sabemos hoje, no património de uma tradição marcada pela diversidade das experiências litúrgicas das primeiras basílicas cristãs do século IV: Sírias, Romanas e do Norte de África e, não menos importante, na domesticidade das funções da casa, o arquétipo do lugar da celebração Cristã.

3.

Em 2005 o encargo da adaptação de um antigo posto de transformação de energia, desabitado (figura 2), a uma ermida contemporânea<sup>4</sup> (Miranda, 2007, Miranda, 2008), colocava-nos diante da interrogação do arquiteto bávaro Emil Steffann (1899-1968): «Faz sentido hoje implantar nas nossas cidades edifícios que, uma vez construídos, imponham às construções que os envolvem um tipo de relação que já não existe? (...)» (Steffann, 1938)<sup>5</sup>. Steffann considerava que havia chegado o momento de integrar os nossos lugares de celebração na categoria das construções privadas e, imbuídos de uma nova força, repartir desde aí para o mundo. O lugar da celebração cristã deveria ser, considerava, antes de tudo um espaço interior: «Aquilo que uma fé comum conferia outrora a este lugar, de proteção e silêncio em pleno espaço público, importa hoje encontrar e desvelar em si mesmo» (Steffann, 1938)<sup>6</sup>. O exterior, o adro, o umbral, sublinhava, são por natureza espaços abertos, sem segredos. A estes, porém, não deveria caber a missão de revelar para fora a presença do 'santo dos santos' (Steffann, 1938).

Em Palmela, um volume paralelepípedo com 25 metros quadrados de área e uma altura interior de quatro metros, constituiu o suporte e a oportunidade de regeneração de um espaço desvitalizado (figura 3 e 4).

Procurou-se, no interior, a forma envolvente em torno a um vazio de presença, ocupado, circunstancialmente, pela mesa do altar (figuras 5).

Propôs-se a reorganização espacial da primitiva área técnica, filtrando a luz exterior e revestindo as paredes de branco.

Um banco em madeira de riga abraça o espaço, convocando a identidade de uma comunidade reunida em torno de Cristo (figuras 6). No exterior, uma estrutura de ferro e arame zincado conduz o revestimento final em planta trepadora caduca, (figura 7) evocando, no ciclo das estações, a metáfora bíblica do "Vinhateiro".

---

<sup>4</sup> Um espaço de contemplação e de silêncio, aberto à comunidade local e de apoio à dinâmica pastoral da comunidade religiosa feminina das Escravas do Sagrado Coração de Jesus em Palmela.

<sup>5</sup> Tradução do autor.

<sup>6</sup> Tradução do autor.

Pensar e desenhar lugares para a interioridade, para hospitalidade e para a comunidade, abertos ao Outro, infinitamente diferente, mas infinitamente próximo, deveria caber naquilo que é primeiro em matéria de espaço litúrgico: as pessoas que se reúnem e aquilo que fazem em conjunto, em razão da sua fé comum.

A herança cultural e ritual, como refere o jesuíta francês Joseph Gelineau (1920-2008), vem em segundo lugar (Gelineau, 1985). O sujeito da liturgia, esse, deve ser compreendido na assembleia dos homens reunidos (figura 8).

### **Referencias bibliográficas**

BOUYER, Louis - *Architecture et liturgie*. Paris: Les éditions du Cerf, 1991.

DEBUYST, Frédéric - *L'Art chrétien contemporain de 1962 à nos jours*. Paris: Mame, 1988.

DEBUYST, Frédéric - *Le renouveau de l'Art sacré, de 1920 à 1962*. Paris: Mame, 1991.

FOLEY, Edward - *From Age to Age: How Christians Have Celebrated the Eucharist*.

Archdiocese of Chicago: Liturgy training publications, 1991.

GELINEAU, Josep - *Quand les hommes se rassemblent*, Espace église, arts, architecture n. °1, 1985.

GERHARDS, Albert - *Spaces for Active Participation in JEAN STOCK, Wolfgang – European Church Architecture, 1950-2000*. Munique: Prestel Verlag, 2002.

GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara - *Romano Guardini (1885-1968). Sa vie et son oeuvre*. Tradução Jean Greisch et Françoise Todorovitch. Paris: Éditions Salvator, 2012.

JOUNEL, Pierre - *Le lieu de la célébration au long de l'histoire de l'église*. Paris: Le Comité National d'Art Sacré, D.L.1995.

MIRANDA, Bernardo – *Chapel in Palmela*, Detail, n.º 6, 2008, p. 644-646.

MIRANDA, Bernardo – *Ermida do Cristo do Silêncio*. In *Arquitecturas - Programa, conceito, matéria*. Dir. de José Manuel da Neves. Lisboa: Caleidoscópio, 2007.

PLAZAOLA, Juan - *Arte Sacra Actual*. Madrid: BAC, 2006.

RATZINGER, Joseph - *Introdução ao espírito da liturgia*. Tradução Jana Almeida Olsansky. Lisboa: Paulinas, 2001.

RICHTER, Klemens - *Espaços de igrejas e imagens de Igreja. O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*. Tradução de Vitor Coutinho. Coimbra: Gráfica de Coimbra Publicações, 2005.

SCHWARZ, Rudolf - *The Church Incarnate, The sacred function of Christian Architecture*. Chicago: Henry Regnery Company, 1958.

STEFFANN, Emil - *In Die Schildgenossen*, 1938, p. 227-278.

STRAUVEN, Francis, LIGTELIJN, Vincent - *Aldo Van Eyck. Writings*. Roterdão: Sun, 2008.

ZAHNER, Walter - *La construcción de iglesias en Alemania durante los siglos XX y XXI*. Ourense: CIARQ, 2007.

ZANCHI, Giuliano - *La forma della Chiesa*. Magnano: Edizioni Quiqajon, 2005. Comunità di Bose.